



Visita Técnica ao Tekoa Takuari (Eldorado/SP)

2-4 de Fevereiro de 2024

Relatório de atividades de cultura e extensão universitária realizadas com apoio da FAPESP (Processo número 22/04906-3), para publicação no portal <https://redeindigena.ip.usp.br/>

Produzido por: Aldeia Indígena Takuari, Luciano Sewaybricker, Danilo Silva Guimarães, Fábio Frattini Marchetti, Eduardo Gusson e Valéria Freixêdas.

São Paulo, 15 de abril de 2024

1. Identificação da comunidade visitada:

Tekoa Takuari, localizada no município de Eldorado (São Paulo), à margem do rio Ribeira de Iguape, sendo atravessada pelo rio Taquari. Foi formada em 2013, em região de uma antiga fazenda, após processo de compensação pelos impactos gerados ao longo da construção do Rodoanel Mário Covas. O Governo do Estado de São Paulo implementou a medida diante da ocupação significativa de Terras Indígenas e do Parque Estadual da Serra do Mar, na região sul da cidade de São Paulo. Em novembro de 2021, na primeira visita da equipe à aldeia, a comunidade era formada por 33 famílias, que somavam aproximadamente 160 habitantes. Na visita de fevereiro de 2024, a equipe que realizou a visita técnica foi informada que algumas famílias se mudaram para outras aldeias, por motivos diversos, e, atualmente, residem cerca de 30 famílias na aldeia Takuari.

2. Planejamento da visita:

A visita acontece como continuidade da parceria que a Rede Indígena (IP-USP), articulada ao NACE PTECA (ESALQ-USP), vem estabelecendo com a comunidade, desde 2022. Sob demanda da comunidade, iniciamos uma aproximação com a temática da segurança e soberania alimentar, constituindo um grupo de whatsapp para apoiar a organização da proposta. Nos dias 19 e 30 de janeiro, foram realizadas reuniões virtuais para alinhamento da visita, comunicação de expectativas, materiais necessários e disponibilidade de participação.

A partir dos encaminhamentos dessas reuniões preliminares, foram realizadas aproximações com integrantes do Instituto de Desenvolvimento Social e Cidadania de São Paulo (IDESC), Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), visando coordenar encontros e estabelecer parcerias. Durante a visita, entre 02 e 04 de fevereiro de 2024, compareceram à aldeia somente as equipes da Rede Indígena, Nace-Pteca e IDESC.

Foram planejadas as seguintes atividades:

1. **Sexta-feira, 2 de fevereiro, de noite:** chegada de parte dos integrantes da equipe e organização das acomodações.
2. **Sábado, 3 de Fevereiro, de manhã:** visita a áreas de plantio pelos integrantes da equipe que chegaram no dia anterior e às demais áreas de produção de alimentos e “aldeia nova”. Chegada do restante da equipe e organização das acomodações.
3. **Sábado, 3 de fevereiro, de tarde:** Roda de conversa sobre as demandas locais, alinhamento de expectativas e sobre projeto comunitário em elaboração, para que pudesse ser submetido a algum edital, ainda não selecionado, pela Associação da Aldeia de Takuari.
4. **Domingo, 4 de fevereiro, de manhã:** Roda de conversa para sistematização conjunta dos principais pontos a serem registrados no relatório de viagem.

3. Avaliação da demanda e definição de objetivos do trabalho:

As demandas emergentes no trabalho estiveram relacionadas à busca pelo fortalecimento da soberania alimentar da comunidade, com a produção tradicional e agroflorestal de alimentos para subsistência das famílias e o potencial de comercialização via mercados institucionais. Demandas pontuais e estruturais foram levantadas e seus meios de provimento foram acordados e distribuídos entre as diferentes instituições parceiras (Rede Indígena, NACE-PTECA, IDESC e Aldeia):

1. Apoio para transporte de 500 mudas de cacau doadas para a Aldeia;
2. Apoio financeiro e técnico para manutenção de equipamentos já existentes (em especial os dois tratores e as roçadeiras) e compra de insumos para manutenção dos espaços cultivados e sua ampliação;
3. Apoio para mutirões de plantio, limpeza e preparação de terreno;
4. Obtenção de recurso financeiro (bolsa) para jovens da aldeia se dedicarem ao projeto;
5. Apoio para organização financeira e contábil da Associação da Aldeia;
6. Mapeamento dos requisitos para que a Aldeia forneça alimentos para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e aproximação com nutricionista responsável pelo município de Eldorado;
7. Criação de curso de extensão universitária na ESALQ/USP em parceria com a Aldeia de Takuari, envolvendo visitas à Aldeia e visitas dos integrantes da Aldeia ao campus da USP em Piracicaba;
8. Desenvolvimento de projeto de soberania e segurança alimentar para ser submetido em editais, em nome da Associação da Aldeia;
9. Pesquisa de editais abertos que contemplem ações de soberania e segurança alimentar;
10. A evolução em direção à soberania alimentar deve ser avaliada coletivamente por todos envolvidos. Ou seja, tanto o critério quanto a avaliação serão feitos coletivamente;
11. Compartilhamento de controle de recursos financeiros;
12. Realização de vivências na aldeia com estudantes universitários;
13. A cada viagem haverá a produção de relatórios públicos, a serem traduzidos para o Guarani;

4. Registro da evolução do trabalho e procedimentos adotados:

As reuniões do Grupo de Segurança Alimentar iniciaram-se em 2020, mas, em razão da pandemia de COVID-19, restringiram-se a encontros por videoconferência. A proposta, o início das partilhas, era construir um projeto que caminhasse em direção à soberania alimentar na perspectiva Guarani Mbya, onde se tivesse: um momento de intercâmbio de saberes entre os integrantes Guarani e o da universidade, sobre como a aldeia Guarani cultiva seus alimentos (tecnologia, cosmovisão, sementes, espécies e afins) e um momento de atividades práticas, com oficinas de plantio e manejo nas aldeias.

A equipe da universidade apoiou com insumos (sementes, mudas, custos de alimentação, transporte e bolsas) e com o planejamento das atividades práticas.

Ao longo dos encontros iniciais, a parceria com Timóteo da Silva Verá Tupã Popygua e a Aldeia de Takuari se estreitou. Desde então, quatro visitas foram realizadas à Aldeia: duas com grupo maior de representantes da Rede Indígena e do NACE-Pteca nos períodos de 27 a 28 de novembro de 2021 e de 5 a 6 de março de 2022; e duas com um grupo menor, de 20 a 21 de agosto e 10 a 11 de dezembro de 2022.

Ao longo dessas visitas, ações conjuntas foram realizadas e vínculos estreitados, possibilitando que o atual projeto se iniciasse em um momento privilegiado.

Entre os dias 02 e 04 de fevereiro, as atividades seguiram conforme o planejado: Dois integrantes da equipe chegaram no período da noite do dia 2 de fevereiro e no dia seguinte, pela manhã, realizaram visita a novas áreas planejadas para ocupação com casas e plantio. Ainda pela manhã do segundo dia, outros dois integrantes chegaram. Após se acomodarem, foi realizado um almoço coletivo. Dois integrantes do IDESC chegaram no início da tarde. Uma roda de conversa com todos os presentes foi organizada (Figura 1). Iniciamos com a fala introdutória da liderança Timóteo. Em seguida, cada um dos visitantes se apresentou e compartilhou um pouco das expectativas com o trabalho conjunto. Outras lideranças comunitárias se manifestaram (Athaide, Nhurim) e teve início um diálogo sobre as demandas mencionadas no tópico anterior.



Figura 1: Primeira roda de conversa. Registro fotográfico por Fábio Frattini no dia 03/02/2024.

No dia seguinte, pela manhã, fizemos uma refeição conjunta e iniciamos outra roda de conversa, com a proposta de sistematizar o que havia sido conversado no dia anterior, para produção dos encaminhamentos (Figura 2).



Figura 2: Segunda roda de conversa. Registro fotográfico por Nhurim Marciano Mendonça Boggarim no dia 04/02/2024.

5. Encaminhamentos:

1. Ficamos de avaliar alternativas dentro do projeto de pesquisa FAPESP (processo número 22/04906-3), para apoio financeiro a jovens da Aldeia que pudessem realizar atividades compatíveis com o previsto no projeto (incluindo a tradução de documentos para o Guarani);
2. Elaborar nova versão de projeto para submissão em editais que contemplem ações de soberania e segurança alimentar. O rascunho será apresentado para os integrantes da Aldeia lerem, comentarem e sugerirem alterações para aprimoramento do documento;
3. Criar planilha para compartilhamento de informações relacionadas ao custeio das atividades;
4. Adicionar o IDESC no grupo de WhatsApp;
5. O IDESC se comprometeu em realizar nova visita à aldeia ainda no mês de fevereiro para trabalhar na área de agrofloresta já existente e plantar novas espécies no entorno da área;
6. Sugestão de data para próxima reunião remota no mês de março;
7. Sugestão de data para próxima visita à comunidade no mês de abril.

6. Locais percorridos:

Desde a primeira visita à aldeia, em 2021, foi mencionada a intenção de mudança da aldeia dentro da Reserva indígena (RI), deslocando-se da borda da reserva para uma área mais ao interior do território. Durante as conversas mais recentes, on-line e presencial, foi indicado que a construção das residências na aldeia nova, pelo poder público, se dará ainda esse ano e, portanto, as famílias se mudarão provavelmente a partir do segundo

semestre de 2024. Essa mudança implica na utilização de novos espaços de plantio e um novo planejamento da produção de alimentos. Os espaços atualmente gerenciados (SAF, quintais e roças) podem eventualmente cair em desuso e serem tomados pela vegetação nativa, restando disponíveis para coletas extrativistas ou serem ainda gerenciados com menor ou maior intensidade, a depender da dinâmica de ocupação dessas áreas após a mudança da aldeia. Portanto, conhecer os novos espaços de ocupação dentro da RI é essencial para o planejamento da produção de alimentos que abastecerá a aldeia no médio e longo prazo.

Após o café da manhã do dia 03 de fevereiro, 4 xondaro kuery foram designados para acompanhar a equipe do NACE-PTECA na visita à aldeia nova. A proposta foi conhecer o caminho e as possíveis novas instalações da aldeia para pensar possibilidades de produção de alimentos nesses espaços. Atháide nos deu uma carona de caminhonete até onde fosse possível transitar pela estrada. No caminho, paramos para conhecer uma pequena área onde planejam construir uma nova Opy (casa de reza tradicional Guarani) e uma cozinha comunitária, com técnicas de bioconstrução, a cerca de 1,5 km a oeste da atual aldeia e a 3,5 km a sudeste da aldeia nova. A área fica em um terreno elevado (app. 60m. altitude), descampado, onde há atualmente um pequeno rancho, alguns poucos pés de banana, café e cana (Figura 3).

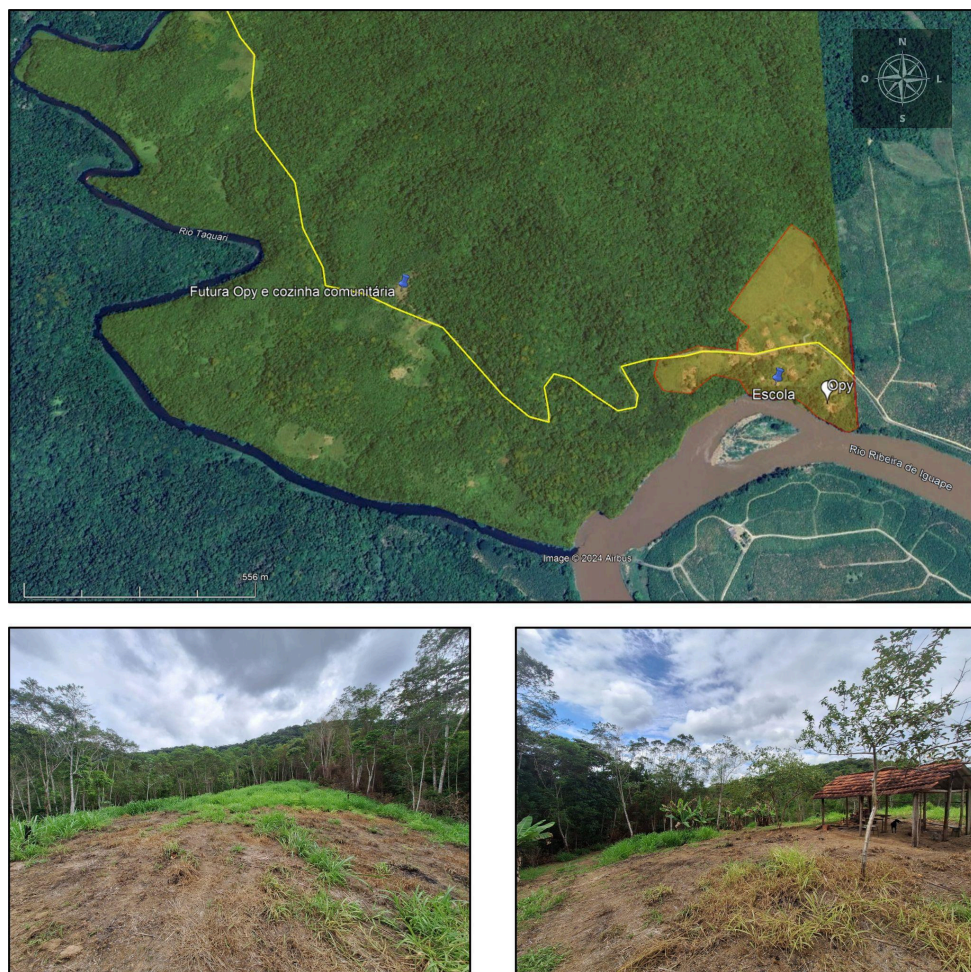


Figura 3. Localização da área onde planejam construir uma nova Opy e uma cozinha comunitária. Em amarelo está o limite da RI Takuari. Em vermelho, a área efetivamente ocupada pela aldeia. O traço em amarelo representa a estrada que percorre a RI. Abaixo, fotos do local visitado.

Há uma antiga estrada que liga as áreas da aldeia atual à aldeia nova. Parte desse trecho (cerca de 2 km) foi arrumada recentemente pelos próprios indígenas e é possível chegar até quase a metade do caminho com veículo 4x4. Após esse trecho, somente é possível continuar a pé por cerca de 3 km. Para início das construções na aldeia nova, será preciso reformar toda a estrada para a livre passagem de veículos, inclusive para o transporte de materiais que serão utilizados na construção das residências.

Ao longo dos 5 km de estrada/trilha, adentra-se à RI Takuari por entre uma vegetação densa de floresta atlântica em bom estágio de conservação, entremeada por algumas áreas de capoeira ou capim, margeando-se o Rio Taquari (Figura 4). A área destinada à aldeia nova tem cerca de 30 ha (aproximadamente o dobro daquela atualmente ocupada), está descampada, às margens do Rio Taquari, e possivelmente era utilizada, no período passado da fazenda, como pastagem para gado (Figura 5). Ao longo do caminho, assim como no interior e arredores da aldeia nova, há pequenos riachos com águas cristalinas que desaguam no Rio Taquari.

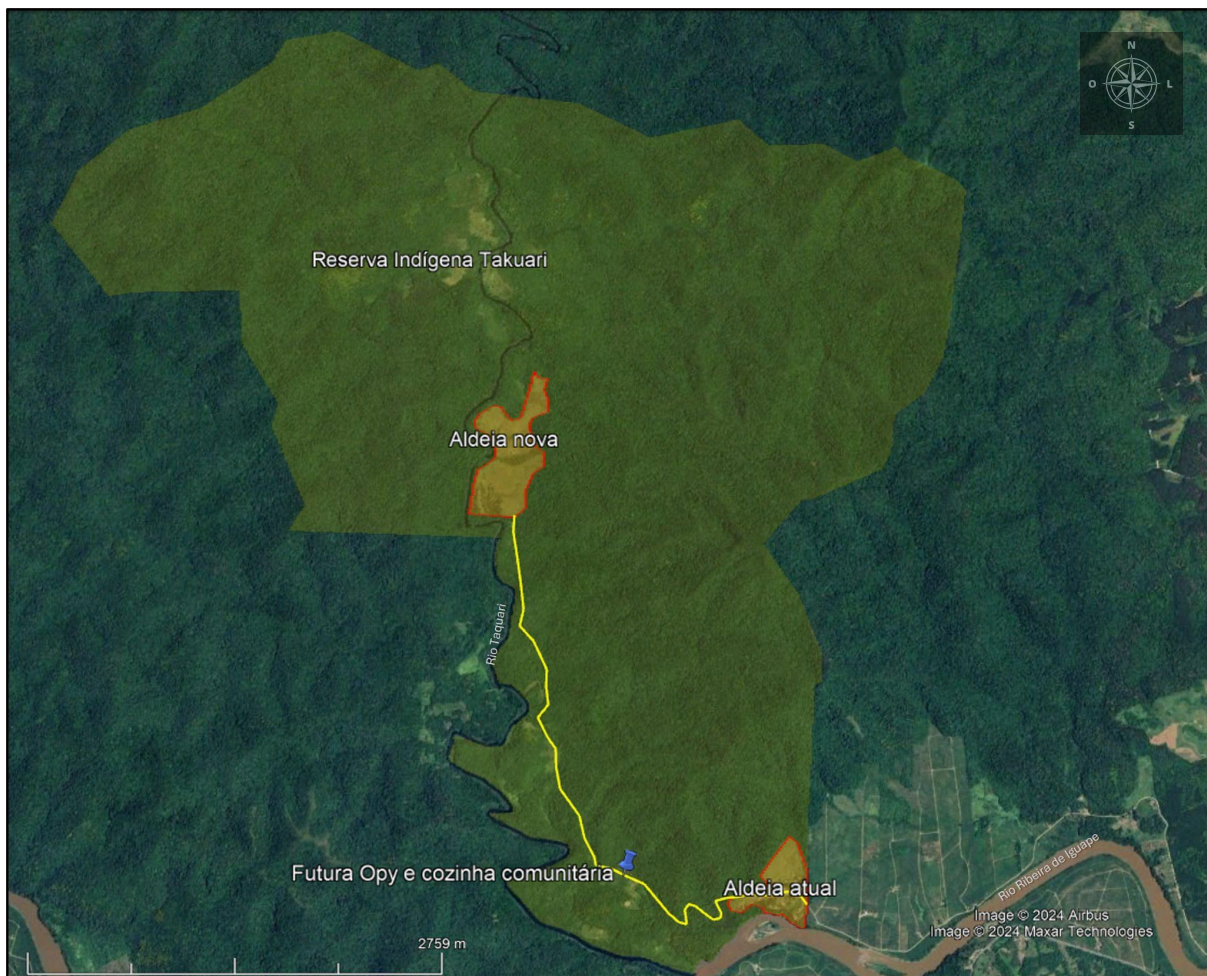


Figura 4. Reserva Indígena Takuari. Destaque para o caminho (linha amarela) entre as aldeias “atual” e “nova”, delimitadas pelos polígonos vermelhos.

Observa-se na Figura 4, que a localização da “aldeia nova” é central à RI, o que permite uma melhor ocupação e aproveitamento do território e seus recursos. Por outro

lado, as moradias ficarão mais distantes do centro urbano de Eldorado. Observa-se ainda como o Rio Taquari corta a RI ao meio na porção norte e a limita, a oeste, na porção sul, o que teoricamente permite a atividade de pesca e navegação ao longo de todo o eixo norte-sul (necessário averiguar a existência de corredeiras e quedas d'água que possam representar obstáculos à livre navegação). O deslocamento de pessoas e produtos a partir da aldeia nova pode ser feito de carro pela estrada principal, desde que seja reformada para permitir o livre tráfego de veículos, ou de barco pelo Rio Taquari e posteriormente pelo Rio Ribeira de Iguape.



Figura 5. Imagens que ilustram riachos e capoeiras no caminho (fotos acima) e áreas descampadas da localidade da “aldeia nova” (fotos abaixo).

Considerando a extensa área descampada, as capoeiras e várzeas próximas à localização da “aldeia nova”, é possível inferir que há espaços propícios para a produção de alimentos na localidade e em seu entorno, por meio de atividade agrícola, aproveitando assim as áreas abertas, as capoeiras e as várzeas do Rio Taquari, sem a necessidade de abertura de novas áreas de floresta. Evidencia-se ainda a hipótese de aumento na oportunidade de obtenção de alimentos por meio da caça, uma vez que a nova localidade está circundada por florestas em estágio maduro de desenvolvimento. Importante ressaltar que as atividades extrativistas, pesca e caça dentro do território estão asseguradas constitucionalmente aos indígenas, desde que não configurem atividades comerciais ou outras que possam se distanciar das práticas tradicionais do povo guarani.

6.1. Áreas de plantio

Em visitas passadas, entre 2021 e 2022, observações diretas e atividades de plantio e manejo foram realizadas em áreas de roça tradicional, em especial aquelas manejadas pelo Sr. José de Quadros, e no Sistema Agroflorestal (SAF) implantado com o auxílio da FUNAI (Figura 6).



Figura 6. Localização das áreas de plantio no interior da aldeia.

As roças maiores, apresentadas no lado esquerdo da Figura 6, somam cerca de 0,5 hectare, localizadas em terreno declivoso, sem curvas de nível ou terraceamento. Localizam-se ao redor de algumas residências, onde, entre 2021 e 2022, foi possível observar o cultivo de três variedades de mandioca, duas variedades de milho, melancia, batata doce, feijão, amendoim, cana, açafrão, cabaça e algumas hortaliças folhosas. Próximo às residências, em continuidade com as roças, nesse mesmo período foram observados pés de banana, palmito, limão e maracujá, além de um pequeno galinheiro e mudas de frutíferas recém plantadas.

Dentre os questionamentos anteriores do Sr. José de Quadros, está a baixa produtividade das roças e a dificuldade em lidar com o solo duramente compactado. Importante salientar que os espaços de ocupação e cultivo atuais da aldeia, foram áreas de pastagem para a criação de gado em um passado recente, o que implica em consequências diretas às condições de estruturação e baixa fertilidade do solo. Observou-se que o solo tem característica argilosa, alta compactação e rachaduras, aparentemente ácido. Quando em cultivo, o manejo observado foi manter o solo permanentemente exposto, sem cobertura. Quando em descanso, fica coberto pelo capim braquiária, cujo manejo é feito

com herbicida seguido de fogo, conforme relato dos membros da aldeia. Não foram mencionadas técnicas de adubação ou outras técnicas para aumentar a fertilidade das roças.

A agrofloresta presente na aldeia foi implantada entre 2016 e 2017, motivada por um funcionário da FUNAI, que foi transferido em 2021, deixando as atividades sem coordenação. Segundo relatos, no início foram produzidas raízes e hortaliças, as quais foram comercializadas pela própria FUNAI. Desde 2023, as atividades no SAF foram desenvolvidas por representantes do IDESC (Emmelie e André), que trabalharam também questões de manejo, capina, podas e plantio de frutíferas. O primeiro módulo do SAF (FUNAI) se desenvolveu bem e se encontra com dossel completamente fechado, sem manejo de copa. Apesar de a estrutura florestal do sistema estar bem desenvolvida, o fato de estar sem manejo (poda de árvores) leva a baixa produtividade, devido ao sombreamento excessivo. O segundo módulo (IDESC), implantado em 2023, está com as mudas em crescimento, com espaçamento de 4x6m, maior do que o espaçamento entrelinha do módulo 1 (Figura 7).



Figura 7. Fotos ilustrativas do SAF. Módulo 1 (FUNAI) acima e Módulo 2 (IDESC) abaixo.

Um terceiro espaço relevante de cultivo na aldeia é aquele encontrado ao redor das residências. Praticamente toda residência tem em seu “quintal” espécies alimentícias sendo cultivadas, conjuntamente a alguns canteiros de aromáticas e medicinais. As espécies cultivadas nesses ambientes assemelham-se àquelas encontradas nas roças, como mandioca, milho, batata-doce, amendoim. As residências, que ocupam terreno mais plano, entre a floresta declivosa e o Rio Ribeira de Iguape, aparenta ser mais fértil que a roça manejada no declive, possibilitando melhor desenvolvimento das plantas. Foi observado manejo da matéria orgânica, tanto de folhagens no solo quanto de herbáceas espontâneas,

juntando-as sobre os canteiros de alimentícias. Foram observados pés de mandioca em algumas roças próximas à escola, enquanto mudas de palmito pupunha plantadas em ocasiões anteriores estão se desenvolvendo nas roças que eram manejadas pelo Xamoi. Decorrente do curto tempo de visita e da priorização para conhecimento da área da “nova aldeia”, as demais roças não foram observadas em detalhes.

Importante destacar que o Xeramõi Werá Popygua, Sr. José de Quadros, ancião detentor de conhecimentos tradicionais sobre agricultura e que movimentava os jovens da aldeia para participarem das atividades relacionadas ao manejo das roças, mudou-se para outra aldeia e as áreas de roça que eram por ele manejadas ficaram sem manejo. Também não foram observadas as ferramentas e o tratorito adquiridos com a campanha na plataforma *Benfeitoria*, e que ficavam sob a supervisão do Xamoi.

7. Período da visita:

Início: Sexta-feira, 2 de Fevereiro, às 20h00.

Encerramento: Domingo, 4 de Fevereiro, às 12h00.

8. Participantes:

Tekoa Takuari: Timóteo da Silva Verá Tupã Popygua, Nhurim Marciano Mendonça Boggarim, Ataíde Gonçalves Vilharve, Fabiana Yva Poty Pires de Lima, xondaro kuery e xondaria kuery (Ingrid, Gilmar, Nilmar, Jennifer, Paulo, Reginaldo, Gilberto, Cassiane, Gabriela, Guilherme, Germinio, Renan, Fabiano, Leandro).

NACE-Pteca: Eduardo Gusson, Fábio Frattini Marchetti.

Rede Indígena: Danilo Silva Guimarães, Luciano Sewaybricker.

IDESC: Emily, André.